

Notas sobre culinária caipira na obra de Almeida Júnior

Notes on caipira cuisine from Almeida Júnior's paintings

Bruno Brito¹

Muitos escritos sobre culinária caipira mencionam uma pequena pintura de 1895 intitulada *Cozinha Caipira*, do pintor ituano Almeida Júnior, artista responsável por retratar cenas rurais paulistas no último quartel do século XIX. De fato, a detalhada pintura nos fornece uma série de elementos significativos para compreender tal cultura alimentar, principalmente na forma de objetos como o pilão, a banqueta, a urupema, o fumeiro, o forno romano, o fogão de poial ou “de rabo”, bem como a própria arquitetura em taipa de mão. No entanto, o restante das obras da fase regionalista, realizadas após seu regresso de Paris, nos dão muitas pistas para compreender de que modo estas populações se relacionavam com o meio rural, com os processos vitais e a própria alimentação. Além de *Cozinha Caipira*, neste trabalho irei comentar as seguintes pinturas: *Apertando o Lombrilho*, *Paisagem do Sítio Rio das Pedras*, *Caipiras Negaceando*, *Caipira Picando Fumo* e *O Violeiro*.

Em *Apertando o Lombrilho* temos um mastro no centro do terreiro. Vale ressaltar que este mastro não leva uma bandeira de santo no topo e por isso remete aos antigos mastros pagãos do hemisfério norte. É possível notar que há frutas espetadas no esteio, aliás, ainda hoje em algumas localidades do Vale do Paraíba, moradores da zona rural amarram espigas de milho e colocam ovos em sua base, fazendo do objeto um instrumento de fertilização agrícola, já que, simbolicamente liga o céu e a terra nos solstícios de inverno.

Já em *Paisagem do Sítio Rio das Pedras* adentramos o perímetro florestal não muito distante da casa roceira. Nesta pintura temos no primeiro plano uma espécie de palmito, comum principalmente nos sítios caiçaras do litoral. O pequeno ribeirão ao centro parece operar como uma subdivisão na propriedade, sendo a margem esquerda mais próxima da casa, justamente pelo fato da presença da palmeira e também pela cobertura rala do solo, provavelmente desgastada pelo pisoteamento humano e animal. Em contraposição, na margem direita temos uma árvore de grande porte ao fundo, que evoca a ideia de “mata virgem”, intocada. Mais atrás há uma espécie de pinguela que conecta a margem civilizada à margem primitiva. Podemos empregar os termos de Lévi-Strauss a essa pintura: “o cru e o cozido”, sendo a pequena ponte a representação da passagem do estado natural para o cultural. A mesma relação ocorre em *Cozinha Caipira*, como bem observou Daniela Perutti ao chamar atenção para a galinha na soleira da porta: a ave se encontra justamente no limite entre a natureza e a civilização, basta adentrar o recinto para ir direto para a panela e se tornar comida, ou seja, um elemento da cultura.

Por meio de uma narrativa espaço-temporal é possível conectar todas as pinturas citadas anteriormente empregando outros exemplos similares que dizem respeito à ocupação da paisagem e à alimentação. O trabalho tem como objetivo ampliar o debate da cultura caipira e sua culinária a partir da obra de Almeida Júnior.

Palavras-chave: Almeida Júnior; propriedade rural; culinária caipira; arte; antropologia.

Keywords: Almeida Júnior; rural property; *caipira* cuisine; art; Anthropology.

¹ Doutorando em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista.